



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO ACADÊMICO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

RAYLLA RAIMUNDO DA SILVA FELIX

DE MASSARANDUBA(PB) À SALA DE AULA: SUPERANDO OBSTÁCULOS E
CONSTRUINDO APRENDIZAGEM NA PRÁTICA DOCENTE EM HISTÓRIA-UFCG,
CAMPINA GRANDE- 2018-2024.

CAMPINA GRANDE, PB

2024

RAYLLA RAIMUNDO DA SILVA FELIX

DE MASSARANDUBA(PB) À SALA DE AULA: SUPERANDO OBSTÁCULOS E
CONSTRUINDO APRENDIZAGEM NA PRÁTICA DOCENTE EM HISTÓRIA-UFCG,
CAMPINA GRANDE- 2018-2024.

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História,
do Centro de Humanidades da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em História.

Orientador (a): PROF. DRA. SILEDE LEILA OLIVEIRA
CALVACANTI

Campina Grande – PB

2024

Railla Raimundo da Silva Felix

DE MASSARANDUBA(PB) À SALA DE AULA: SUPERANDO OBSTÁCULOS E
CONSTRUINDO APRENDIZAGEM NA PRÁTICA DOCENTE EM HISTÓRIA-UFCG,
CAMPINA GRANDE- 2018-2024.

Trabalho de Conclusão de Curso avaliado em 04/006/2024.

BANCA EXAMINADORA

Iranilson Buriti de Oliveira

Prof. Dr.

Regina Coelli Gomes Nascimento

Prof. Dr.

Agradecimentos

Ao finalizar este trabalho, meu coração se transborda de gratidão por aqueles que, de diferentes maneiras, tornaram essa jornada acadêmica possível e significativa. São pessoas que estiveram ao meu lado em momentos de grande alegria, mas que dividiram momentos de angústia.

Primeiramente, gostaria de expressar meu mais profundo apreço pela minha família. Minhas irmãs e minha mãe fizeram com que o dia a dia da vida fora da academia fosse mais fácil. Minha avó que esteve comigo durante a maior parte da minha vida escolar e que devido ao seu falecimento não pode estar presente na parte final da licenciatura e em minha formação. Voinha, toda essa trajetória tem sua influência direta. Como eu queria que estivesse de alguma maneira aqui.

Agradeço aos meus grandes amigos, à Ebony Marques por se tornar a pessoa com quem pude dividir os anseios da vida acadêmica e os segredos da vida pessoal. À Huan Nóbrega que foi uma das surpresas do fim do curso, um amigo que carrego um grande carinho desde que conheci e com quem joguei diversas partidas de jogos de mesa no Centro Acadêmico de História. À Pedro Henrique e Willian Nascimento por serem homens tão íntegros, dedicados e carinhosos. Nossas conversas foram combustível para encarar momentos difíceis.

Agradeço ainda às minhas amigas Ayrlla Joyce e Tamara Sabrina, nossa amizade transcende a vida acadêmica e as duas fazem parte da minha vida pessoal. Com elas encarei os medos do início do curso e com elas estou finalizando a graduação.

Por último, agradeço ainda as escolas EMEF Suzete Dias Correia e ECI EEFM Maria Zeca Souza que abriram as suas portas para a realização da prática de ensino. Aos professores que disponibilizaram suas aulas e que tanto me ajudaram neste período de aprendizagem. Agradeço ainda à minha orientadora Silede que teve muita paciência durante o processo de elaboração deste trabalho e que me passou tanta segurança.

A todos vocês, minha eterna gratidão por tornarem minha vida mais leve, mais colorida e mais significativa. Vocês são peças fundamentais na construção da minha história e me inspiram a ser cada dia uma pessoa melhor.

“Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas. [...] Eu jamais iria para a fogueira por uma opinião minha, afinal, não tenho certeza alguma. Porém, eu iria pelo direito de ter e mudar de opinião, quantas vezes eu quisesse”.

Resumo

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre minha trajetória na graduação em História, com ênfase na prática docente. Narro meus desafios e aprendizados ao longo da formação, desde a ida para outra cidade para cursar a licenciatura até as vivências nas aulas de campo e na prática de ensino. O relato destaca as dificuldades enfrentadas na primeira experiência em sala de aula, em uma escola com infraestrutura precária e recursos limitados. Além da utilização de práticas ditas como não tradicionalistas no ensino de história. Também descrevo a busca por uma nova oportunidade de ensino, culminando na realização da prática em outra instituição na Escola Municipal de Ensino Fundamental Suzete Dias Correia na cidade de Massaranduba na Paraíba, onde pude implementar métodos interativos e abordar as necessidades individuais dos estudantes. O trabalho conclui com reflexões sobre a importância da flexibilidade, da adaptabilidade e da conexão com os estudantes para o sucesso da prática docente em história assimilando com o universo educacional idealizado por Rubem Alves e Paulo Freire.

Palavras-chave: Escrita de si, Formação docente, Escolarização

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Creche Irenita Batista

Imagem 2 - EMEIEF Manoel Machado da Nóbrega

Imagem 3 - Entrada da EMEF Suzete Dias Correia

Imagem - 4 Colegas de curso e de viagem na Igreja e Convento de São Francisco/ Salvador-Bahia

Imagem 5- Palácio Rio Branco - Salvador, Bahia

Imagem 6 - Forte de Santo Antônio da Barra

Imagem 7- Registro do meu primeiro contato com a ECI Maria Zeca de Souza

Imagem 8 - Entrada da EMEF Suzete Dias Correia

Imagem 9 - Sala de aula do 9º “A” da escola EMEF Suzete Dias Correia

LISTA DE ABREVIATURAS

RE- Relato de experiência

EMEIEF - Escolas Municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental

ECI - Escolas Cidadãs Integrais

EEEFM - Escola Estadual de ensino fundamental e médio

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 - BRINCANDO DE APRENDER: A TRAJETÓRIA DE UMA CURIOSA	13
1.1 MEUS PRIMEIROS PASSOS NO MUNDO DA APRENDIZAGEM	15
1.2 PAIXÃO PELO CONHECIMENTO E PELA DOCÊNCIA.....
CAPÍTULO 2	21
A PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE EXPECTATIVAS E REALIDADE.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS.....	35

Introdução

O presente trabalho teve início em um período caracterizado por incertezas. Desde o início do curso, em 2018, até o momento que finalizo este trabalho, em 2024, ocorreram diversas coisas que impactaram a minha vivência acadêmica. Entre elas, a morte de minha avó, Cicera Helena Eduardo da Silva, ou como a chamava carinhosamente, Voinha, no ano de 2020. Ela que era a principal incentivadora e entusiasta da minha graduação. A pandemia mundial de Covid-19 também em 2020 e uma grande frustração com a sala de aula “real” foram impactantes na vivência acadêmica.

O relato de experiência foi escolhido como instrumento de conclusão do curso para que através do mesmo, pudesse ser realizada uma reflexão crítica da jornada de aprendizado dos meus anos escolares em comparação à formação no curso de história. O relato de experiência enquanto metodologia e forma de escrita “é o resultado de um acontecimento que passou pelo corpo de seu relator em um determinado momento.”(Daltro; Faria, 2019, p. 227), ou seja, são marcas que ficaram para a carreira na licenciatura e fazem parte da história.

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. (LE GOFF, 1990, p. 28)

A mudança de paradigmas que Le Goff destaca possibilita que usemos de outros métodos além dos tradicionais documentos escritos. Dessa maneira podendo utilizar a experiência individual e coletiva, através das turmas que ministrei aulas, como meio de contar e registrar a história.

A decisão de utilizar tais fontes, como as teorias pedagógicas de Freire (1993) veio por meio do primeiro contato com a sala de aula no ano de 2023. Ao me deparar com os desafios da gestão da sala de aula durante meu primeiro ano de ensino, busquei em autores renomados e com experiência prática soluções que me permitissem criar um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz. O impacto desse primeiro contato foi uma quebra de expectativas e, ao mesmo tempo, uma experiência de muito aprendizado.

A escolha por tal modalidade de trabalho, envolve a narrativa de memórias, escrita de si e reflexão do meu processo de escolarização e de formação docente foi um desafio muito grande, visto que escrever sobre nossas próprias experiências exige muita coragem e

sensibilidade histórica, sem perder o rigor do campo histórico. Desse modo, irei fazer uma viagem desde meu processo de alfabetização que ocorreu na cidade de Massaranduba até minha inserção na licenciatura em história da UFCG.

Este trabalho se configura como um relato de experiência e está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo narro a jornada de uma estudante que nasceu e cresceu na cidade de Massaranduba, no interior da Paraíba que, ciente dos desafios da docência, decide trilhar o caminho da educação e se tornar professora de História. Através de recortes de minha própria vida, busco refletir e problematizar minhas experiências como estudante, exercendo o autoconhecimento e construindo-se continuamente como profissional da educação.

No segundo capítulo irei abordar as experiências vividas no ambiente universitário no período pandêmico e a experiência em sala de aula nas escolas a partir dos conceitos de formação de Paulo Freire (1980) durante as práticas de ensino vivenciadas em 2023 e 2024 abordando o meu contato com os estudantes e como os problemas estruturais podem afetar o processo de aprendizagem de história.

Em relação à prática docente em sala de aula, vou descrever e analisar desde a primeira experiência sala de aula como docente, que se deu na ECI EEFM Maria Zeca Souza localizada no centro da cidade de Massaranduba. A escola passava por um período de obras e estava aplicando suas aulas de maneira extraordinária em uma sala com 3 turmas de 1º ano do ensino médio juntas. As dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos estudantes chamaram minha atenção para as condições que os mesmos tinham que enfrentar diariamente. A inserção nesse ambiente se deu por meio do estágio de prática de ensino da disciplina de Prática de Ensino de História na Escola de 1º e 2º graus¹ no período 2023.2 .

Em um segundo momento, vou apresentar sobre o meu retorno à sala de aula como docente, que ocorreu no ano seguinte (2024) da primeira experiência, sendo em outra escola, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Suzete Dias Correia, localizada no centro da cidade de Massaranduba. Dessa vez, em uma turma de 9º ano do ensino fundamental e com uma quantidade de estudantes que chega perto de um quarto da escola anterior, pude iniciar e concluir minha experiência de prática de ensino ministrando aula da disciplina de história e identificar mudanças cruciais entre as turmas.

¹ A disciplina faz parte da antiga grade curricular do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, Campus I.

Através das minhas experiências procuro refletir sobre como as condições exteriores impactam diretamente no ensino das escolas e principalmente no ensino de história em sala de aula. E como essa falta de um ambiente adequado contribui para a evasão escolar e menor índice de aprendizagem. Como fontes a serem utilizadas, estão as fotografias dos meus arquivos pessoais, as atividades aplicadas às turmas referidas e o relato de estudantes que vivenciaram e dividiram os momentos em sala de aula comigo.

I CAPÍTULO - BRINCANDO DE APRENDER: A TRAJETÓRIA DE UMA MENINA CURIOSA NO UNIVERSO ESCOLAR DE MASSARANDUBA

A visita ao passado por meio das memórias é recorrente no meio literário e historiográfico. O escritor francês Marcel Proust(1871-1922) argumenta que a memória é a chave para a verdadeira compreensão do passado. Para Jacques Le Goff(1924-2014), a memória é um processo social dinâmico que é fundamental para a compreensão do passado. O encontro com uma lembrança que estava esquecida desencadeia diversas emoções, onde lembranças desbloqueiam outras lembranças. Com isso, podemos identificar como determinadas ações foram cruciais para o desenvolvimento do indivíduo do presente.

O conceito de experiência, segundo o filósofo e pedagogo espanhol Jorge Larrosa, transcende a mera acumulação de vivências, assumindo uma dimensão ontológica que implica em transformação e ressignificação do ser. Para além da superficialidade de um "coleccionismo" de experiências, Larrosa propõe uma compreensão aprofundada do conceito.

A escola foi o palco onde me descobri, me desafiei e me preparei para os desafios da vida. A campanha da escola soava como um chamado à aventura. Meus pezinhos, ainda tímidos, cruzavam o portão verde pela primeira vez, no ano 1998, na cidade de Massaranduba, na Paraíba. Com coração transbordando de curiosidade e um misto de medo e empolgação, a Creche Irenita Batista, localizada no centro da cidade, foi o local onde iniciei a minha trajetória escolar. Naquele dia, no berçário, a semente da aprendizagem foi plantada em solo fértil, pronta para germinar.

Imagem 1: Creche Irenita Batista



Fonte: Site oficial da prefeitura de Massaranduba

Ao revisitar minhas memórias como estudante, recordo-me dos momentos de entusiasmo e descoberta, mas também das dificuldades e frustrações que enfrentei. Percebo como essas experiências moldaram minha visão da educação e me ensinaram sobre a importância da empatia e da compreensão no processo de aprendizagem.

A abordagem behaviorista, conhecida principalmente pelas ideias do filósofo e psicólogo norte-americano John B. Watson(1878-1958), afirma que o comportamento humano é determinado pelo ambiente e pelas experiências externas. Dessa maneira, para compreendermos como ocorreu a transformação da pequena Raylla Raimundo da Silva Félix, nascida na cidade de Massaranduba no interior da Paraíba, filha de Luciana Raimundo da Silva, uma costureira, e João Felix da Silva, um pequeno comerciante, ambos com escolaridade até o quarto ano do ensino fundamental, na jovem professora de história, é necessário entendermos como se deu o desenvolvimento e o relacionamento do ambiente externo com a vida escolar.

Resgatar as memórias da minha trajetória escolar não foi tarefa fácil. Para reconstruir essa história, contei com a ajuda da minha mãe, Luciana da Silva Lima, que me acompanhou de perto em grande parte desse período. Infelizmente, não pude contar com os relatos e as memórias da minha avó. Ela teve um papel fundamental na minha relação com a escola, mas nos deixou de maneira precoce vítima de um câncer. Isso impediu que acompanhasse todo o meu desenvolvimento e o desfecho da minha formação.

1.1 Meus primeiros passos no mundo da aprendizagem: da creche ao Ensino Fundamental

Minha história escolar não se inicia com o meu ingresso formal na educação, pois tive um contato inicial com o ambiente escolar antes mesmo de ter idade para ingressar em uma escola. Minha avó era merendeira, com isso, frequentei as escolas que ela trabalha, pois não tinha com quem ficar. Nasci em 1996, em um contexto familiar desafiador, marcado pela ausência paterna desde a descoberta da gravidez da minha mãe. Como tantas outras mulheres brasileiras, ela enfrentou sozinha a árdua tarefa de criar e educar sua filha. Porém enquanto a mesma trabalhava em outra cidade, minha avó ficou responsável por cuidar de mim.

No meu primeiro ano de vida, em 1997, minha mãe se uniu a outro homem, mas por diversas circunstâncias, não pude viver com ela e seu novo esposo. Minha infância foi transcorrida, com muitas dificuldades, sob os cuidados da minha avó. Mulher de fibra, que já havia criado 14 filhos, ela dedicava o tempo que lhe sobrava à neta, me proporcionando amor e carinho incondicionais. Sem sombra de dúvidas, ela me acolheu como se eu fosse sua própria filha.

Todo o meu ciclo escolar até o ensino fundamental foi realizado em escolas municipais da cidade de Massaranduba na Paraíba. Sendo o primeiro contato escolar na Creche Irenita Batista da Silva, localizada no centro da cidade, onde fiquei dos 2 aos 4 anos e meio e tive diversas experiências positivas que me fizeram amar o ambiente escolar.

Lembro-me com saudade das tardes ensolaradas no pátio, correndo e caindo entre os brinquedos coloridos, inventando histórias e construindo castelos de areia. A creche era um refúgio seguro, onde me sentia amada e acolhida. Os funcionários tinham um carinho imenso pelas crianças. Lá, fiz meus primeiros amigos, com quem dividi brincadeiras, segredos e abraços apertados. A creche foi mais do que um lugar de cuidado, foi o meu primeiro lar fora de casa, onde aprendi a compartilhar, a brincar e a criar laços de amizade.

Após o casamento de minha mãe, ela e seu esposo se mudaram para uma cidade próxima, Serra Redonda. Na época, eu era apenas uma criança e, por conta da distância e da rotina de trabalho deles, não era possível que me levassem para a escola. Foi nesse momento que meus avós e tios me acolheram em sua casa no centro da cidade.

Minha avó, que na época tinha por volta de 40 anos, foi figura fundamental na minha história, assumiu a missão de me levar para a escola todos os dias. Ela me acompanhou nesse trajeto dos 2 aos meus 7 anos de idade, não apenas me conduzindo ao conhecimento, mas

também me transmitindo segurança e amor. Sua presença ia além da porta da escola, pois com sua experiência de tantos anos como merendeira, participava ativamente das reuniões escolares, demonstrando grande interesse pela minha educação. Sua atuação contribuiu para tornar o ambiente escolar mais acolhedor e familiar para mim.

Mais do que uma avó, foi um pilar fundamental na minha jornada escolar. Sua dedicação, amor e apoio me proporcionaram uma base sólida para o meu desenvolvimento como estudante e como pessoa. As idas com a mesma para as escolas em que trabalhava, me proporcionaram uma experiência que normalmente os estudantes não possuem. Conheci os bastidores das escolas, frequentei as cozinhas, convivi e tive uma relação próxima com os funcionários. Ao ponto que a gestora da Escola Maria Zeca de Souza, Maria Aparecida Costa, se tornou minha madrinha.

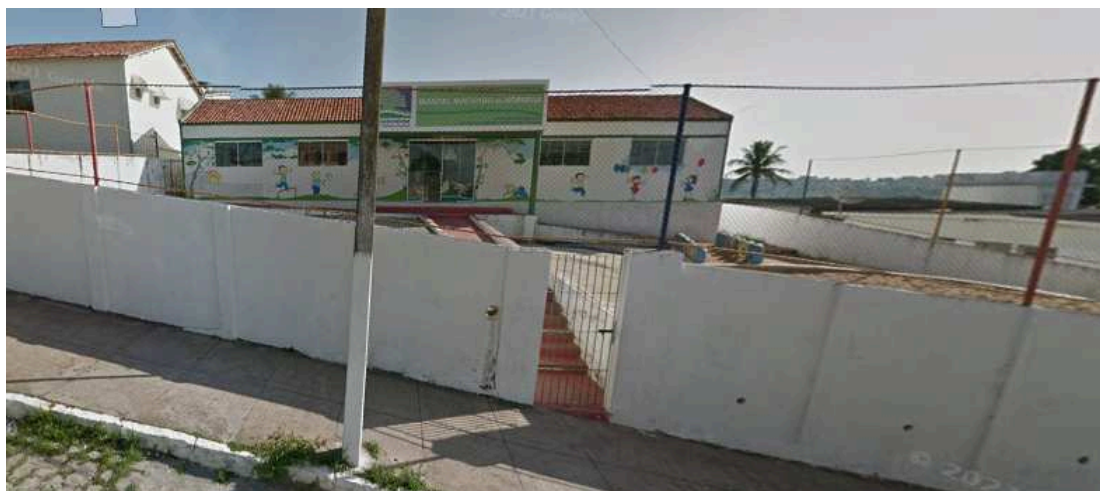
A mudança da creche para a pré-escola me deixou apreensiva, ainda que não tivesse noção pela pouca idade, a perspectiva de um novo ambiente, colegas e professores desconhecidos me causava certo receio. Mas, como sempre, minha avó estava lá para me acolher e me dar a segurança que eu precisava. Naquele momento, ela era mais do que uma avó, era a minha rocha. Funcionária da escola como merendeira, seus braços eram o meu refúgio quando o medo me apertava. Sentada em seu colo, acalmava-me aos poucos, absorvendo o seu amor e carinho.

Como ia com minha avó para escola, sempre chegava mais cedo e saía mais tarde que os demais estudantes. Enquanto observava os funcionários trabalharem na organização e na limpeza das escolas, fazia minhas tarefas de casa. Em casa, não tinha ajuda de adultos, pois os mesmos estavam sempre ocupados ou não tinham como me ajudar, como no caso de minha avó, que foi a escola só até aprender a escrever seu nome. Por isso, usava o tempo livre que tinha enquanto aguardava a hora de ir para casa para realizar as minhas atividades e estudar para provas. Nas escolas, conseguia a ajuda que precisava, e quando tinha dúvidas podia recorrer diretamente aos professores ou a algum funcionário que se disponibilizasse para me auxiliar.

Mais tarde, minha avó precisou migrar para a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Zeca de Sousa. E, mais uma vez, o destino nos uniu. Nos meus contraturnos escolares, por não ter com quem ficar, eu a acompanhava para a escola. Lá, mais uma vez, passava as horas na cozinha, entre os funcionários, observando a rotina daquele ambiente que logo seria meu também. Esse contato prévio com a escola estadual foi fundamental para que a minha futura adaptação fosse tranquila e natural. Já conhecia o espaço, os funcionários e até mesmo alguns dos estudantes, o que me deixou mais confiante e segura.

Embora tenha crescido em uma cidade pequena, minha trajetória escolar não foi linear. Da pré-escola ao ensino médio, frequentei cinco escolas diferentes, em turnos distintos, sempre buscando me adaptar às circunstâncias da minha família. Na manhã, tarde e noite, os corredores escolares foram palco de minhas descobertas e aprendizados. As constantes mudanças de residência me obrigaram a trocar de escola diversas vezes, buscando sempre a proximidade com o novo lar. Na EMEIEF Manoel Machado da Nóbrega, localizada no centro da cidade, fiquei dos 5 aos 7 anos de idade, passei os anos pré escolares e parte do primeiro ano do ensino fundamental. A escola é bem pequena e conta com apenas 4 salas de aula. Porém, possuía um pátio enorme com uma grande caixa de areia onde podíamos brincar. Por se tratar de uma escola pequena, tinham poucos estudantes e os professores conseguiam dar mais atenção às crianças e suas dificuldades. Foi lá que aprendi e desenvolvi a leitura com a professora Salete, a qual não me recordo o sobrenome. Consegui ler meu primeiro livro infantil completo, "O Menino Maluquinho" de Ziraldo, ainda aos 6 anos de idade.

Imagem 2 - EMEIEF Manoel Machado da Nóbrega



Fonte: Google Maps

No entanto, um acontecimento inesperado na vida familiar me levou a mudar de escola. Um grave acidente com meu padrasto o deixou acamado por anos. E não tive outra escolha a não ser, no meio do ano letivo me mudar de escola, fui transferida para a EMEIEF Maria Zeca de Souza, buscando maior proximidade de casa. Vale lembrar, que foi nesse ano que voltei a morar com minha mãe.

A adaptação a um novo ambiente, professores e colegas não foi fácil. A situação familiar delicada que eu enfrentava me tornou introspectiva, dificultando a criação de novas amizades. Durante esse período, no ano de 2004, tive uma baixa de rendimento escolar, as notas baixaram consideravelmente e meu comportamento passou a ser reativo. Com a ajuda da escola, que através de constantes conversas e de uma atenção mais direcionada a minha situação, consegui passar por esse período e voltei a ser a garota doce que costumava ser. Lembro-me que a professora sempre vinha até mim com uma voz suave e firme para perguntar como eu estava e se precisava de ajuda.

Apesar dos desafios, a EMEIEF Maria Zeca de Souza se tornou meu lar educacional até a terceira série do ensino fundamental (atual quarto ano). A escola era um pouco mais próxima de minha nova casa. Sua estrutura era simples, contava com apenas 4 salas de aula. Com o tempo, superei a timidez e construí laços importantes com meus colegas e professores. Foi lá que conheci minha melhor amiga com quem estudei até o ensino médio. Essa experiência me ensinou sobre a importância da resiliência e da adaptabilidade em face de mudanças inesperadas. A superação dos desafios me tornou uma pessoa mais forte e preparada para lidar com diferentes situações na vida.

O último ano do fundamental 1 e os dois anos iniciais do fundamental 2 foram cursados na EMEIEF Suzete Dias Correia, onde acabei indo estudar por ser, mais uma vez, mais próximo de minha casa. A adaptação nessa nova escola já foi um pouco mais tranquila, pois já tinha diversos amigos que estavam por lá. A escola tinha uma estrutura completamente diferente das que eu havia estudado, era maior e mais estruturada. Contava com 6 salas de aulas organizadas em dois andares.

Imagem 3 - Entrada da EMEF Suzete Dias Correia



Até a quarta série (atual quinto ano), minha trajetória escolar era marcada por boas relações com meus professores. Apreciava as aulas e me envolvia ativamente nas atividades. No entanto, nesse período, tive meu primeiro contato com uma realidade diferente. A professora Clarisse, formada em pedagogia, que com métodos tradicionais bancários e visão antiquada, defendia a passividade dos estudantes durante as aulas. Sua postura rígida e a falta de espaço para questionamentos e participação me incomodavam profundamente. A mesma se identificava como a única detentora de todo o conhecimento e tinha foco na punição como única forma de controle. O silêncio reinava nas aulas e caso não fosse assim, éramos direcionados para a diretoria, onde recebíamos castigos e até suspensões temporárias.

As aulas se arrastavam em um mar de monotonia, sem qualquer faísca de entusiasmo. A "aprendizagem" se resumia ao tedioso "copia e cola", a famigerada "decoreba", podendo qualquer pensamento diferente que o estudantes quisessem expressar. A impaciência da professora era um vulcão em erupção, explodindo em xingamentos aos gritos contra os estudantes. Em vão, nós tentávamos nos defender, buscando refúgio em nossos pais. Mas as súplicas eram recebidas com ceticismo, como se fossem invenções infantis. Para mim, aquele ano foi, sem sombra de dúvidas, a pior experiência em sala de aula. Uma mancha em um passado até então luminoso.

Sobre esse tipo de ensino Freire fala que

A educação bancária é uma forma de dominação, pois o educador impõe seu conhecimento aos educandos. Na visão "bancária" da educação, o educador é o que sabe e os educandos são os que não sabem. O educador deposita o conhecimento nos educandos, como se fossem recipientes vazios. Os educandos são considerados objetos passivos da educação, sem voz nem vez. A educação bancária não promove a reflexão crítica, apenas a memorização e a repetição. A educação bancária não leva em consideração a realidade dos educandos, apenas os interesses dos opressores. A educação bancária é uma forma de alienação, pois impede os educandos de serem protagonistas de sua própria história. (p. 73)(1968)

A crítica à pedagogia bancária desenvolvida por Paulo Freire constitui um marco incontornável na história da educação, instigando a reflexão crítica acerca do papel da educação na sociedade. Apesar de suas limitações, a crítica freireana nos convida a explorar modelos educacionais mais democráticos, participativos e críticos, com vistas à promoção da emancipação humana e à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse contexto, surge a necessidade de buscar alternativas que transcendam o modelo bancário de ensino. A superação da pedagogia bancária se configura como um imperativo na busca por uma educação mais humanizada, crítica e transformadora.

No ano seguinte, tive uma mudança significativa no método de ensino, pois a partir do 6º ano do fundamental cada disciplina passa a ser ministrada por um professor diferente. Sendo assim, passei de um professor por série para sete professores com diferentes disciplinas. Foi nesse período que tive um contato mais próximo com a disciplina de história. A professora Denise, com quem tive aula por 3 anos, apresentou a sua paixão pela história e por meio de suas aulas e atividade me passou o amor pela disciplina.

Minha primeira aula de história marcante foi sobre o Egito Antigo, onde tivemos que realizar um projeto e apresentar para a turma. Cada estudante escolheu um tema para pesquisa: múmias, faraós, hieróglifos, pirâmides, deuses, costumes... A sala de aula se transformou em um oásis de conhecimento, com livros, mapas, imagens e até mesmo réplicas de pirâmides. O projeto foi um sucesso estrondoso! Nós aprendemos não apenas sobre o Egito Antigo, mas também desenvolvemos habilidades de pesquisa, comunicação, criatividade e trabalho em equipe. A experiência me ensinou que o passado pode ser muito mais do que páginas em um livro.

Neste mesmo ano de 2008, tive o privilégio de encontrar uma das professoras mais marcantes da minha vida: Valdineia. Sem sombra de dúvidas, a melhor professora que já tive. Seu método de ensino era mágico. As aulas fluíam naturalmente, sem a sensação de estar aprendendo. De repente, dominávamos o conteúdo sem qualquer dificuldade. Val, como a chamávamos carinhosamente, era pura alegria e transformava as aulas de matemática em momentos de pura diversão. Com ela, aprendi um novo jeito de estudar, que agora, como professora, utilizo para ensinar. Valdineia, sem que eu soubesse, colocava em prática as ideias de Paulo Freire, criando uma educação libertadora e transformadora que se adaptava às necessidades dos estudantes.

Val nos incentivava a buscar diferentes formas de resolver problemas, desenvolvendo nossa autonomia e criatividade. Através de jogos, nos ensinava matemática e estratégia. Conseguia envolver problemas matemáticos no cotidiano dos estudantes, usando elementos da vida dos mesmos no desenvolvimento e resoluções desses problemas.

Naquela época, ainda no início da pré-adolescência, não tinha a maturidade para entender o que me frustrava na professora Clarisse, e me encantava em Valdineia. Mas, hoje, com a bagagem da faculdade e da experiência docente, compreendo o poder de uma educação que valoriza a alegria e a individualidade de cada estudante. Valdineia e Denise acenderam em mim a paixão por ensinar e me ensinaram que a educação pode ser libertadora e transformadora. Freire escreveu em uma de suas obras que “A conscientização é o primeiro

passo para a transformação social.” (p. 59),(1968) e a minha conscientização, ainda que precoce, foi fundamental nos anos escolares seguintes.

As provas, embora obrigatórias por exigência da escola, não representavam a totalidade do nosso aprendizado. A avaliação era um processo contínuo, abrangendo diversas atividades e reconhecendo a individualidade de cada estudante. Atividades diárias e em grupo, além de atendimentos individuais focados nas dificuldades específicas de cada estudante, compunham o mosaico da avaliação. As notas das provas se tornaram apenas um complemento, e não a única medida do conhecimento adquirido. Ao contrário da educação bancária, que aprisiona os estudantes em notas baixas e os obriga a repetir o ano letivo, essa abordagem valorizava o progresso individual e oferecia oportunidades de crescimento a todos.

1.2 Paixão pelo conhecimento e pela docência

Durante meu período do ensino fundamental, entre os anos de 2004 e 2008, demonstrei uma aptidão para auxiliar meus colegas que enfrentavam dificuldades de aprendizado. Sentia uma satisfação genuína em ajudar os colegas que precisavam de um apoio extra. Fazia questão de finalizar minhas tarefas e, em seguida, dedicava-me a explicar a matéria de maneira mais clara e ajudá-los a concluir suas lições. Essa atitude, frequentemente elogiada em reuniões escolares, despertou nos meus professores a sugestão da licenciatura como uma possível carreira. Essa sugestão foi sendo repetida por diferentes professores até o ensino médio. Porém cheguei a refutar a ideia, pois não condizia com meus sonhos profissionais do momento.

No entanto, meus amigos e colegas de sala de aula sempre destacaram meu cuidado e paciência com as pessoas, características que, hoje em dia, reconheço como essenciais para uma carreira na licenciatura. Acredito que o cuidado e a empatia com os estudantes são tão importantes quanto o domínio da didática e do conteúdo.

Ao longo da minha trajetória escolar, a semente plantada na infância por meus professores e amigos continuou a germinar. A paixão pelo ensino se manifestou em diversas experiências, como o monitoramento de colegas e iniciativas de, sempre que possível, tomar a frente de trabalhos em grupo. Cada oportunidade me proporcionou um aprendizado valioso e reforçou a convicção de que a educação é o caminho para a transformação social.

Embora a licenciatura não tenha sido sempre o sonho de infância, hoje vejo como uma potencial vocação. O desejo de contribuir para o desenvolvimento de outros indivíduos, de

despertar a paixão pelo conhecimento e de fazer a diferença na vida de cada estudante me motiva a seguir nesse caminho.

Cursei todo o ensino médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Zeca de Souza, que hoje funciona na modalidade de ECI. Novamente, precisei adaptar minha rotina escolar, estudando à noite e reservando as manhãs e tardes para cuidar de minhas irmãs enquanto minha mãe trabalhava.

Como toda adolescente em busca de seu caminho, passei pelo período em que a indecisão pairava sobre meu futuro. Direito, História, Nutrição... As possibilidades eram infinitas, e cada área me atraía por diferentes motivos. Fiz o ENEM duas vezes e na primeira vez fui aprovada com bolsa integral para Nutrição. A aprovação representou um passo importante, mas logo percebi que não era o caminho que meu coração desejava. Em mais uma tentativa com o ENEM, passei para o curso de Licenciatura na UFCG (Universidade Federal de Campina Grande).

Em meio à busca incessante por uma vocação, a história me acolheu. As aulas despertaram em mim uma paixão que nunca havia sentido antes. De repente, o passado ganha vida, e eu me via imersa em um universo de grandes feitos, personagens intrigantes e culturas fascinantes. Freire, em sua obra "Pedagogia do Oprimido", propõe uma educação libertadora que visa à emancipação do indivíduo. Para Freire, a descoberta da vocação está ligada ao processo de conscientização e à construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No próximo capítulo vou me ater às minhas experiências do outro lado da sala de aula. Alternando nas perspectivas de professora de história e estudante de prática de ensino.

Capítulo 2

1- Mergulhando na história e na docência: Impactos e desafios no universo acadêmico

Sair de uma cidade pequena para estudar em outra cidade é um caminho comumente realizado pelos jovens brasileiros. A falta de oportunidades costuma ser o fator mais comum para tal fato. Entretanto, no meu caso, a ida para outra cidade para curso licenciatura em História se deu pelo fato de que na minha cidade não existem escolas de ensino superior ou mesmo de ensino técnico. Assim como dezenas de outros estudantes, todos os dias me desloquei da minha cidade, Massaranduba, para a cidade de Campina Grande durante todo o

período da licenciatura. O trajeto é realizado em pouco mais de uma hora, pois o transporte disponibilizado pela prefeitura da cidade passa em outras universidades, tornando o trajeto mais longo e conseqüentemente mais demorado.

O primeiro contato com os professores se deu em uma aula de boas vindas realizada em uma das praças da universidade. O professor José de Luciano Queiroz, que só veio ministrar aulas em minha turma alguns períodos após minha inserção na universidade, ficou responsável pela aula inaugural e recepção dos feras. O Brasil passava por um período de grandes conflitos com a polarização política ocorrida em 2018 com as eleições presidenciais. Devido a grande importância do momento, a aula inaugural se desenvolveu em torno deste tema.

Naquele momento foi possível ter uma pequena amostra de como funcionava as discussões e debates na universidade. Mesmo sendo uma comparação um tanto desproporcional, a minha mente logo me levou para os debates em Ágora, na Grécia antiga, onde os cidadãos se reuniam para discutir assuntos políticos e sociais.

A cada capítulo desvendado, a convicção se fortalecia: a história era minha paixão, meu propósito. No primeiro período, ainda em 2018, com o professor Jonathan Vilar dos Santos Leite, pude me aprofundar na chamada pré-história, na cadeira que tinha o mesmo nome. Jonathan, era um professor bem jovem e tinha concluído a licenciatura há pouco tempo. Sendo assim, entendia os anseios dos calouros e possuía uma linguagem mais jovem. O que acabou aproximando mais os novatos da disciplina. As aulas me abriram novos horizontes, me convidando a questionar o mundo e buscar respostas nos ecos do tempo.

Estudar história vai bem além das teorias das páginas de livros antigos. A história está viva em tudo o que conhecemos e tocamos. As aulas de campo são de máxima importância para visualizarmos as teorias no plano físico. É como se a história se materializasse à nossa frente. No ano de 2023 a UFCG, junto com a professora Marinalva Vilar de Lima e o professor Antonio Gutemberg, proporcionaram para alguns estudantes que se interessaram, uma viagem para a cidade de Salvador na Bahia, para uma aula de campo. A viagem durou quatro dias e foi realizada com um ônibus disponibilizado pela universidade.

Massaranduba¹: cidade do interior da Paraíba localizada a 16 quilômetros de Campina Grande.

Depois de muitas horas dentro do ônibus, desembarcamos na cidade de Salvador encantados com toda a história que a cidade carrega em suas ruas, monumentos e igrejas. Para além de visitas a pontos turísticos, nosso encontro representava um mergulho na história e na cultura afro-brasileira. Com um olhar crítico que o curso de história nos proporcionou, fomos capazes de identificar a importância da cidade, que foi a primeira capital do país, através desse contato direto com o passado.

Imagem - 4 Colegas de curso e de viagem na Igreja e Convento de São Francisco/ Salvador- Bahia



Fonte: Acervo pessoal da autora

O roteiro da viagem contou com visitas ao Mercado Modelo, ao Pelourinho e às Igrejas das mediações, ao farol da Barra e outros tantos locais que sobreviveram por dezenas e até centenas de anos de pé e hoje contam parte da história do país. Manter esses locais abertos a visitação popular é essencial

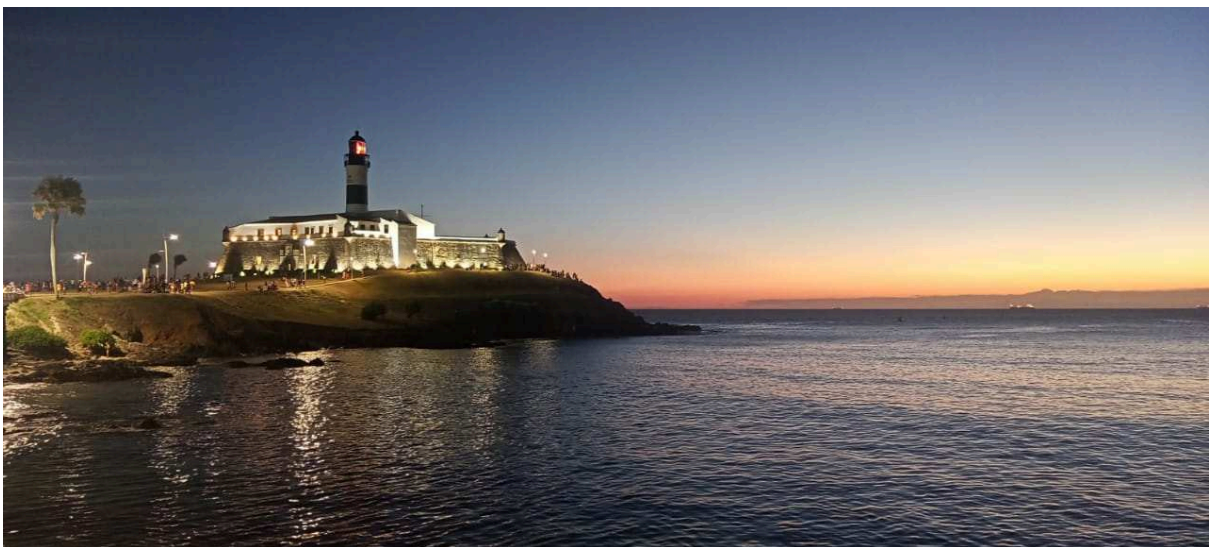
Imagem 5- Palácio Rio Branco - Salvador, Bahia



Fonte: Acervo pessoal da autora

A visita ao farol da Barra, que faz parte do Forte Santo Antônio da Barra, e é casa do Museu Náutico da Bahia, nos proporcionou um encontro com objetos que carregam uma história de centenas de anos. O local foi a primeira fortificação do país erguido ainda no século XVI. Além disso, é ponto de encontro de jovens que se reúnem na parte de trás do local para admirar o deslumbrante pôr do sol.

Imagem 6 - Forte de Santo Antônio da Barra



Fonte: Acervo pessoal da autora

2.1 A Prática de Ensino de História: Entre Expectativas e Realidades

A formação em licenciatura em História exige a vivência prática em sala de aula, um momento crucial para o desenvolvimento profissional do futuro professor. Através da disciplina "Prática de Ensino de História na Escola de 1º e 2º Graus", os discentes têm a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso.

Em 2023, vivenciei essa experiência pela primeira vez. Apesar da expectativa inicial, a realidade da sala de aula se mostrou bastante diferente do imaginado. Se por um lado, a teoria proporcionou uma base sólida de conhecimento, por outro, a prática revelou nuances e desafios que só a vivência em campo poderia trazer.

Para realizar a prática de ensino, retornei à mesma escola onde concluí meu ensino médio, a ECI EEFM Maria Zeca de Souza. A instituição passava por um período de reformas após dois anos sem receber os estudantes devido à Pandemia de COVID-19. A estrutura precisava se adaptar ao novo método de ensino integral e à quantidade de estudantes, o que resultou no remanejamento das aulas para um ambiente alternativo. O local escolhido para acolher os estudantes no período da reforma é localizado no centro da cidade, cerca de 1 quilômetro de distância da sede da instituição.

As aulas passaram a ser realizadas em um salão pequeno sem estrutura adequada para comportar a quantidade de estudantes. O local não possuía um sistema de ventilação adequado, apenas dois ventiladores para todos os estudantes que ficavam bem próximos devido ao tamanho do local. A sala comportava três turmas de ensino médio simultaneamente. Para otimizar o uso do espaço, as turmas 1º, 2º e 3º ano revezavam-se, tendo apenas duas aulas presenciais por semana. A mudança para o salão apresentou alguns desafios. O espaço reduzido limitava as possibilidades de atividades e exigia organização e planejamento minuciosos por parte dos professores.

Para que todos pudessem ouvir o que estava sendo ministrado era necessário o uso de microfone e uma caixa amplificadora. Além disso, o número reduzido de aulas presenciais exigia uma seleção cuidadosa dos conteúdos e atividades a serem desenvolvidas. Tornando a quantidade de conteúdo menor que normalmente é aplicada no primeiro ano do ensino médio.

A sala de aula, com mais de 100 estudantes de 3 turmas do 1º ano do ensino médio, apresentava desafios para a prática docente. Mesmo com faltas frequentes, o ambiente permanecia lotado, dificultando a comunicação. O uso de microfone com caixa de som era necessário para garantir que todos os estudantes ouvissem as instruções. Outro problema era a ventilação precária. Os ventiladores não funcionavam corretamente, o que tornava o ambiente

quente e desconfortável, prejudicando a concentração dos estudantes, tornando-os rapidamente dispersos.

O local não contava com sala dos professores nem refeitório, os estudantes se alimentavam nas carteiras onde tinham aula. A secretaria ficava em outro local na mesma rua, porém cerca de 300 metros de onde as aulas eram ministradas. Eram dois banheiros, porém as portas ficavam direcionadas diretamente para onde os estudantes estavam e possuíam apenas os sanitários.

A fotografia abaixo captura o momento inaugural da interação com a turma em questão. Observa-se a disposição dos estudantes em distintos grupos, característica relevante para a compreensão da dinâmica sociointeracional da sala de aula.

Imagem 7- Registro do meu primeiro contato com a ECI Maria Zeca de Souza



Fonte: Acervo pessoal da autora

No que tange à postura discente, destaca-se a presença de grupos que se distanciam do conteúdo programático, seja pelo uso de dispositivos móveis e fones de ouvido, seja pela conversa paralela entre eles. Um terceiro grupo, que não aparece na fotografia, se posiciona

na lateral da sala, com visibilidade limitada do quadro branco e em proximidade aos sanitários. Ressalta-se ainda que este último grupo utiliza uma mesa alongada similar a uma mesa de jantar, com cadeiras majoritariamente danificadas.

A disciplina de História, apesar de sua importância na formação integral dos estudantes, enfrentava um desafio significativo: a baixa frequência de aulas. O currículo escolar contemplava apenas dois dias de encontros presenciais semanais, o que resultava em um número ainda mais reduzido de aulas de História: apenas duas por mês. Para suprir as demais horas da carga horária obrigatória, os estudantes recebiam atividades que deveriam ser realizadas em casa e enviadas para o professor.

A realização da prática de ensino, etapa crucial para a formação docente, se viu comprometida por diversos desafios. O tempo exíguo para ministrar as 10 aulas obrigatórias, aliado à necessidade de concluir essa etapa em curto período para dar início à produção do relato de experiência, configurava-se como um obstáculo intransponível.

A soma de fatores, como a frequência reduzida das aulas de História (apenas duas mensais), a indisponibilidade de recursos materiais e tecnológicos adequados, a indisposição da escola em adaptar-se às necessidades do curso de licenciatura e a falta de um ambiente propício para o desenvolvimento da prática docente, culminou na difícil decisão de desistir da realização da prática de ensino na referida instituição. Diante dessa impossibilidade, não deu continuidade às visitas à instituição, por isso, as poucas informações sobre o corpo docente e discente.

No ano subsequente, impulsionada pela perseverança e pelo desejo de concretizar a prática de ensino, iniciei novamente a disciplina e parti em busca de uma nova escola. A EMEF Suzete Dias Correia, instituição que também marcou minha trajetória como estudante, surgiu como um porto seguro, oferecendo a oportunidade de assumir temporariamente as aulas de História em uma turma de 9º ano ao lado do professor regente Carlos Ferreira de Araújo Júnior.

A instituição responde a Secretaria de Educação Municipal. O local em que a escola funciona já teve características majoritariamente de uma residência, porém hoje, é a maior escola de ensino fundamental da cidade. Funcionando nos três turnos, a escola possui ensino fundamental regular do 6º ao 9º ano do fundamental II nos turnos manhã e tarde. Já no horário noturno funciona na modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA).

A escola conta com 70 servidores, sendo distribuídos em 30 docentes, 2 secretários, 2 suportes pedagógicos, 1 administrativo e outros cargos auxiliares, cozinheiros, secretários,

vigias, cuidadores, supervisores, gestora e vice gestora, chefes de disciplina. No total são 8 salas de aulas e 648 estudantes divididos nos três turnos.

Imagem 8 - Entrada da EMEF Suzete Dias Correia



Fonte: Google Maps

A prática de ensino volta a ser desafiadora, pois a escola apresenta poucos recursos que limitam o ensino da história. Durante o período de realização da prática, de março a abril de 2024, a escola, que conta com oito salas de aula e um anexo, possuía apenas uma TV funcionando em boas condições. E para uso desse instrumento se via necessário um agendamento prévio de horário. Porém devido ao curto período que o estágio de prática ensino proporciona, são dez aulas que foram distribuídas em cinco encontros, não foi possível usar esse recurso como agregador das aulas.

Durante uma de minhas visitas à escola, enquanto aguardava o início da aula de História, tive que junto com outro professor ajudar a tirar os livros didáticos de um local onde estavam expostos a chuva. Os livros estavam na sala dos professores, em um canto embaixo da janela. Alguns livros chegaram a molhar, porém conseguimos tirar a maioria que ainda estavam com plástico e evitar estragos maiores que resultariam na falta de livros para os estudantes.

A minha segunda experiência na sala de aula não foi carregada de tantas expectativas. O fato de já ter tido um encontro que de alguma maneira foi frustrante, me deixou mais receosa do que esperar nessa nova sala de aula. E como esperado encontrei diversos empecilhos que dificultam o dia a dia dos estudantes. Além de claros impactos que dois anos

de aulas remotas trouxeram. Desde o primeiro encontro pude observar que os estudantes eram muito inquietos e tinham muita dificuldade em concentrar-se e desenvolver as atividades passadas.

Imagem 9 - Sala de aula do 9º “A” da escola EMEF Suzete Dias Correia



Fonte: Acervo pessoal da autora

Com o intuito de utilizar atividades que fugissem do método de ensino onde os estudantes apenas copiam, tentei fazer com que houvesse uma interação maior entre eles e o conteúdo. Para isso, disponibilizei um material em forma de caça palavras, mapas mentais e uma letra de música para assimilação do conteúdo aplicado em sala de aula. Todos esses materiais foram usados em encontros e conteúdos diferentes. Tornando o ambiente de aprendizagem dinâmico e envolvente, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico através da assimilação do passado com a realidade dos estudantes.

A princípio, tiveram uma grande dificuldade de entender o que devia ser feito e mesmo sendo questionados sobre possíveis dúvidas ficaram acuados em perguntar na frente de todos os colegas. Como estavam divididos em grupos, pude me direcionar a ajudar com as dúvidas individualmente. Durante a experiência com o caça palavras, pude observar uma maior interação entre eles, onde se ajudavam com as perguntas e a localização das palavras.

A metodologia de escuta proposta por Rubén Alves nos incentiva a enxergar a educação como um todo integrado, no qual a escuta atenta e o diálogo são elementos essenciais para a construção de um processo de aprendizado significativo e agradável.

Pude identificar uma grande dificuldade na interpretação de texto, algo crucial nas aulas de história. Por serem estudantes do 9º ano do ensino fundamental, esperasse que tivessem um maior domínio de textos de diversos gêneros. Porém, ao utilizar a letra impressa da música Utopia de Zé Vicente¹ para contextualizar o Anarquismo e o Socialismo presentes na obra, foi possível identificar a grande dificuldade que tiveram para distinguir os pensamentos políticos na obra. Encontrei nessa situação a oportunidade de desenvolver o conteúdo trabalhado de maneira mais individual. Utilizando as dúvidas e dificuldades de cada estudante como ponto de partida para a elaboração de uma explicação com uma linguagem mais voltada ao cotidiano dos mesmos.

Durante esse contato individualizado pude questionar os estudantes sobre quais as maiores dificuldades que encontravam nas aulas de história. O primeiro estudante, de 15 anos, respondeu que a falta de atenção dos colegas acaba atrapalhando a aula. Outros três estudantes, todos na faixa etária de 14 anos, concordaram entre si que as aulas acabam sendo monótonas e que gostam e aprendem muito mais quando as atividades são interativas e não apenas questionários. Por isso, estavam gostando bastante das aulas que estavam sendo aplicadas.

Durante uma das aulas que abordaram a Primeira República (1889-1930) e as revoltas populares, pude interligar a forte resistência popular da Revolta da Vacina (1904), influenciada principalmente pela falta de informações sobre a vacina contra a varíola, com o período da Pandemia de COVID-19 e as informações falsas que circularam principalmente nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens. Com isso, pude identificar uma maior interação e absorção do conteúdo.

Uma das atividades realizadas em sala de aula trata-se da elaboração de um texto contando uma lembrança de como foi estudar no período da Pandemia de COVID-19. Alguns textos foram escolhidos pelo professor Carlos, para fazer parte de uma coletânea de memórias para serem usadas em um projeto de fim de ano da disciplina. O projeto foi intitulado de “Memórias sem máscaras - Breve relatos históricos dos alunos e das alunas sobre a Pandemia (2019-2024).

¹ Utopia: Canção criada e interpretada por Zé Vicente em 1995

Durante o processo de escolha desses textos pude ler alguns muito bem desenvolvidos com ideias concisas, porém em outros textos existia uma grande dificuldade em transformar as ideias em palavras. Em anexo está uma pequena amostra de alguns dos textos desenvolvidos pelos estudantes em sala de aula. Sendo possível identificar como esse período afetou de forma significativa a relação dos estudantes com a Escola e com outros estudantes.

Foi trabalhado em sala de aula o conceito de memória e de como ela poderia ser utilizada para contar parte da história de cada indivíduo. Os textos serviram para ilustrar as principais dificuldades que os estudantes tiveram para ter acesso à educação em meio a Pandemia de COVID-19. E como foram afetados psicologicamente com a falta de contato com outras pessoas em um período de transição da infância para adolescência.

Considerações finais

Minha trajetória na licenciatura em história, com ênfase na prática docente, foi marcada por desafios, aprendizados e, acima de tudo, crescimento profissional. Este relato de experiência teve como objetivo compartilhar minhas vivências desde a mudança para Campina Grande para cursar a graduação até as experiências nas aulas de campo e na prática de ensino.

Ao longo deste trabalho, pude narrar minha formação docente na busca por me tornar uma professora de história qualificada e engajada. As aulas de campo, por exemplo, foram momentos cruciais para complementar o aprendizado teórico e conectar os estudantes com a realidade histórica.

No entanto, a primeira experiência em sala de aula, em uma escola com infraestrutura precária e recursos limitados, revelou a dura realidade da prática docente. Diante das dificuldades, busquei uma nova oportunidade de ensino, culminando na realização da prática em outra instituição. Essa experiência me permitiu implementar métodos interativos, abordar as necessidades individuais dos estudantes e desenvolver minhas habilidades como professora.

O relato de minha trajetória demonstra que a prática docente em história é um processo complexo e desafiador. É preciso estar preparada para lidar com diferentes realidades, adaptar metodologias e, acima de tudo, criar um vínculo com os estudantes que os motive a aprender.

Através dos pensamentos e ideias expressos nesta peça, há uma contribuição útil para o discurso em torno da formação e preparação de professores de história. Torna-se evidente

que há uma necessidade prévia de melhores instalações e recursos nas escolas públicas. Ao promover a prática da escuta ativa nas instituições de ensino, é possível gerar ambientes educacionais mais acolhedores, participativos e inovadores, nos quais alunos e professores colaboram mutuamente para construir um repertório de conhecimento e sabedoria. Meu desejo sincero é que minhas próprias experiências pessoais possam servir como fonte de inspiração para aspirantes a educadores que estão certos de ter um impacto positivo na vida de seus estudantes.

REFERÊNCIAS

DALTRO, Monica R. FARIA, Anna A, de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. Estudos e Pesquisas em Psicologia: Rio de Janeiro, ISSN 1808-4281, v. 19, n. 1 p. 223-237 Janeiro a Abril de 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 73.

LE GOFF, Jacques. **A memória e o tempo**. 3. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2013. 368 p.

LE GOFF, J. A História Nova. In: LE GOFF, J. (Dir.). A História Nova. São Paulo: M. Fontes, 1990, p. 25-64.

SAID, Edward W. Orientalismo. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

LARROSA, Jorge. Tremores: Ensaio sobre a Experiência. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

LARROSA, Jorge. Experiência e Educação. 12ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Organização Mundial da Saúde (OMS). Painel da OMS COVID-19. 22 de julho de 2023 Disponível em: <https://data.who.int/dashboards/covid19/cases?n=c>. Acesso em: 02 de janeiro de 2024.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Os ideais da formação humanista e o sentido da experiência escolar. **Educação e Pesquisa** [online]. 2017, v. 43, n. 4 [Acessado 28 Maio 2024], pp. 1023-1034. Disponível em: scielo.br/j/ep/a/ZVMwkbKyWZB4GbjDBmQRKzp/

Anexos

Anexo 1

18.

Bem, a pandemia foi um dos piores momentos da minha vida. No começo eu achei que seria bom passar um tempinho em casa, mas o "tempinho" virou dois anos e pouco.

Tive que parar de ir à escola e isso prejudicou a forma de me relacionar com as pessoas, já que eu não tinha amigos e não falava com ninguém, só com as pessoas de casa. Eu também tinha medo de pegar a COVID. Sempre via que morriam várias pessoas por causa da COVID.

Nesta época eu me sentia bastante só, ainda me sinto, mas nada comparado. Eu jogava um jogo que eu era bastante viciado que era o Free Fire. Me ajudava a passar o tempo na pandemia e por causa dele eu consegui conversar com várias pessoas diferentes.

Em resumo foi isso. Eu não fazia praticamente nada, só mexer no celular, comer, assistir e dormir à noite.

Anexo 2

3.

Eu me lembro que na época da pandemia foi um momento muito difícil. Tive que estudar online e não podia ver meus colegas.

Infelizmente, fiquei doente e fiquei sem assistir meu jogo do Vasco de pertinho. Era obrigado usar máscara e eu faltava morrer com falta de ar com essa máscara.

Minha bisavó acabou pegando COVID e a vacinação não estava ainda. Ninguém podia vê-la. Também perdi dois amigos próximos. Depois de uns meses começou a vacinação e fui toda feliz sabendo que ia tomar. Minha "bisa" ainda estava internada e depois de 20 dias ela saiu.

Meu irmãozinho nasceu e foi um verdadeiro milagre, pois foi um momento muito complicado, porém nos ensinou a dar valor nos mínimos detalhes.

Na escola, estudar online é algo difícil e muito ruim na pandemia também. Conheci vários amigos online, conheci vários jogos, li muitos livros sobre a vida. Também eu dormi muito.

Anexo 3

26.

Bom, no começo foi bem complicado se acostumar. Foi também difícil se concentrar e aprender, mas conforme os dias foram passando, eu consegui me organizar e criar uma rotina que desse certo para mim.

Me organizei de uma maneira que conseguisse estar presente nos horários e que os professores estivessem online. Mas esse período da pandemia eu odiei.

Anexo 4 - Sequências didáticas das aulas do estágio na Escola Municipal de Ensino Fundamental Suzete Dias Correia

SEQUÊNCIA DIDÁTICA - 1

Instituição: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SUZETE DIAS CORREIA	
Disciplina: História	Turma: 9º A
Discente(estagiária/o): Raylla Raimundo da Silva	
Professor regente: Carlos Ferreira de Araújo Júnior	
Tema: Abolição da Escravidão no Brasil	
Objetos do conhecimento:	
1. Compreendendo o contexto histórico da escravidão no Brasil:	
O tráfico negreiro e a formação da sociedade brasileira:	
As origens do tráfico negreiro e sua relação com a expansão da economia colonial.	
As condições desumanas do transporte e da vida dos africanos escravizados.	
O impacto da escravidão na formação da sociedade brasileira, com ênfase na miscigenação racial e cultural.	
A vida dos escravizados:	
O dia a dia dos escravizados nas senzalas e nos campos de trabalho.	
As diferentes formas de resistência à escravidão, como rebeliões, fugas e quilombos.	
A cultura afro-brasileira e suas contribuições para a sociedade brasileira.	
A luta pela abolição da escravidão:	
As diferentes etapas do processo abolicionista no Brasil, desde as primeiras revoltas escravas até a Lei Áurea.	
O papel dos principais personagens do movimento abolicionista, como José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, Luís Gama e a Princesa Isabel.	
As influências internacionais no movimento abolicionista, como o Iluminismo e a Revolução Francesa.	
2. Analisando as diferentes perspectivas sobre a escravidão e o abolicionismo:	

Os argumentos a favor da escravidão:

A visão dos senhores de engenho e da elite agrária sobre a importância da mão de obra escrava para a economia brasileira.

O discurso da "superioridade racial" e as ideologias racistas que justificavam a escravidão.

Os argumentos contra a escravidão:

As críticas humanitárias à escravidão e a defesa da igualdade racial.

O impacto da escravidão no desenvolvimento social e econômico do Brasil.

A influência do movimento abolicionista internacional na luta pela abolição da escravidão no Brasil.

3. Refletindo sobre as consequências da abolição da escravidão:

O impacto social da abolição:

A situação dos ex-escravos após a Lei Áurea e os desafios da integração à sociedade livre.

O surgimento do racismo estrutural e as desigualdades raciais que persistem até hoje.

A importância da valorização da cultura afro-brasileira e da luta contra o racismo.

O impacto econômico da abolição:

As mudanças na estrutura da economia brasileira após o fim da escravidão.

O desenvolvimento de novas formas de trabalho e a diversificação da economia.

Os desafios para a superação das desigualdades sociais e a construção de uma sociedade mais justa.

Habilidade (s) da BNCC: EF09HI03: Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

- **EF09HI04:** Analisar as diferentes formas de resistência à escravidão, considerando as ações de indivíduos e grupos sociais, como os quilombos, e as rebeliões.
- **EF09HI05:** Identificar e analisar as diferentes formas de trabalho existentes no Brasil, desde o período colonial até a atualidade, considerando as relações sociais e de poder presentes em cada contexto.
- **EF09HI08:** Analisar as diferentes formas de organização social e política existentes no Brasil ao longo da história, considerando a diversidade de grupos sociais e suas relações de poder.
- **EF09HI10:** Analisar as diferentes formas de produção cultural e artística, considerando a diversidade de grupos sociais e suas relações de poder.

Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

Materiais necessários para a sequência didática: Quadro, lápis piloto, livro didático cópia de caça palavras.

Objetivo: Compreender os principais eventos que marcaram a luta pela abolição da escravidão no Brasil.

*Identificar alguns dos principais personagens do movimento abolicionista.

*Refletir sobre as consequências da abolição da escravidão para a sociedade brasileira.

Aulas a serem desenvolvidas na sequência didática
AULA 1
Organização da turma: em fileira, em duplas.
Introdução: Explorar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema. Apresentar o tema da sequência didática e os objetivos de aprendizagem.
Desenvolvimento: Distribuir um caça-palavras com palavras relacionadas à escravidão e ao abolicionismo. Solicitar aos estudantes que encontrem as palavras no caça-palavras e identifiquem o significado de cada uma delas. Em seguida, realizar um debate sobre as palavras encontradas, discutindo
Reflexão sobre as consequências da abolição da escravidão para a sociedade brasileira, tanto no passado quanto no presente. Discussão sobre a importância de lembrar e celebrar a data da abolição da escravidão.
Conclusão: Reflexão sobre as consequências da abolição da escravidão para a sociedade brasileira, tanto no passado quanto no presente. Discussão sobre a importância de lembrar e celebrar a data da abolição da escravidão.
Avaliação: Observação da participação dos estudantes nas atividades; Desempenho na resolução do caça-palavras; Participação no debate; Reflexão crítica sobre o tema.
Referências utilizadas para preparar a atividade: NASCIMENTO, Abdias. O Negro no Brasil de Hoje. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. SILVA, Maria; SOUZA, João. Entre a escravidão e o fardo da liberdade: os trabalhadores e as formas de exploração do trabalho em perspectiva histórica. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 1-20, 2010.
Finalização da sequência: Avaliação Formativa: Observação: Participação nas atividades em sala de aula, debates e apresentações. Registro de participação: Anotações sobre o interesse, entusiasmo e colaboração dos estudantes. Portfólio: Coleção dos trabalhos realizados pelos estudantes ao longo da sequência didática. Avaliação Somativa: Questionário individual: Avaliação dos conhecimentos adquiridos sobre a Abolição da Escravidão. Produção textual: Elaboração de um texto argumentativo sobre a importância da Abolição da Escravidão para a sociedade brasileira.

<p>Critérios de Avaliação:</p> <p>Domínio dos conteúdos: Compreensão dos principais conceitos e eventos relacionados à Abolição da Escravidão.</p> <p>Desenvolvimento de habilidades: Argumentação, pesquisa, análise de fontes históricas, trabalho em equipe e comunicação.</p> <p>Criatividade e originalidade: Nas produções textuais e nas simulações.</p> <p>Atividades de Recuperação:</p> <p>Para estudantes que não atingiram os objetivos propostos:</p> <p>Aulas de reforço: Revisão dos conteúdos com foco nas dificuldades dos estudantes.</p> <p>Atividades complementares: Leituras, pesquisas e exercícios sobre temas específicos da Abolição da Escravidão.</p> <p>Tutoria individual: Acompanhamento individualizado de um professor ou tutor.</p>
--

SEQUÊNCIA DIDÁTICA- 2

Instituição: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SUZETE DIAS CORREIA	
Disciplina: História	Turma: 9º A
Discente(estagiária/o): Raylla Raimundo da Silva	
Professor regente: Carlos Ferreira de Araújo Júnior	
Tema: A Revolta da Vacina: Entre a Ciência e a Rebelião Popular	
<p>Objetos do conhecimento:</p> <p>O contexto histórico da Revolta da Vacina:</p> <p>A República Velha e suas características políticas e sociais.</p> <p>A campanha de vacinação contra a varíola no Rio de Janeiro em 1904.</p> <p>A atuação de Oswaldo Cruz e a política higienista.</p> <p>As causas da Revolta da Vacina:</p> <p>O descontentamento popular com as medidas autoritárias da campanha.</p> <p>A falta de informação e as crenças populares sobre a vacina.</p> <p>O papel da imprensa na propagação de boatos e desinformação.</p> <p>O impacto da Revolta da Vacina:</p> <p>A suspensão da campanha de vacinação e suas consequências.</p> <p>O debate sobre a ciência, a saúde pública e os direitos individuais.</p> <p>A importância de aprender com a história para evitar que eventos como este se repitam.</p>	
Habilidade (s) da BNCC: (EF08HI05) Analisar as relações entre diferentes grupos sociais em diferentes conjunturas históricas, considerando as tensões e conflitos, as	

negociações e os consensos, e as diferentes formas de sociabilidade e de organização social.
Duração: 2 aulas (50 minutos cada)
Materiais necessários para a sequência didática: Quadro, lápis piloto, livro didático.
<p>Objetivo:</p> <p>Compreender as causas e o contexto histórico da Revolta da Vacina.</p> <p>Analisar as diferentes perspectivas sobre o movimento.</p> <p>Refletir sobre a importância da vacinação e da saúde pública.</p> <p>Desenvolver habilidades de pesquisa, comunicação e trabalho em equipe.</p>
Aulas a serem desenvolvidas na sequência didática
AULA 1
Organização da turma: Em fileiras, em trios.
<p>Introdução: A aula se inicia com uma conversa sobre a importância da vacinação, explorando os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema e apresentando as sequência didática e os objetivos de aprendizagem através dos textos informativos sobre a Revolta da Vacina e solicitar aos estudantes que leiam com atenção.</p>
<p>Desenvolvimento: Dividir a turma em trios e distribuir diferentes atividades sobre o tema, como:</p> <p>Trio 1: Criar um mapa mental com as principais causas da Revolta da Vacina.</p> <p>Trio 2: Produzir um cartaz com as principais reivindicações dos revoltosos.</p> <p>Trio 3: Elaborar uma linha do tempo com os principais eventos da Revolta da Vacina.</p> <p>Cada trio apresenta seu trabalho para a turma, seguido de um debate sobre as diferentes perspectivas sobre a Revolta da Vacina.</p>
<p>Conclusão: Atividade individual:</p> <p>a) Escrever um parágrafo sobre o que aprenderam sobre a Revolta da Vacina.</p> <p>b) Responder à seguinte questão:</p> <p>Na sua opinião, como podemos evitar que eventos como a Revolta da Vacina se repitam?</p>
<p>Avaliação: Observação da participação dos estudantes nas atividades;</p> <p>Qualidade dos trabalhos em grupo;</p> <p>Participação no debate;</p> <p>Reflexão crítica sobre o tema;</p> <p>Parágrafo escrito sobre o que aprenderam;</p> <p>Resposta à questão sobre como evitar que eventos como a Revolta da Vacina se repitam.</p>

Referências utilizadas para preparar a atividade:

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, sociedade & cidadania: 9º ano: ensino fundamental: anos finais. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022.

<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/videos/6602-a-revolta-da-vacina>

<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVOLTA%20DA%20VACINA.pdf>

Finalização da sequência:

Avaliação Formativa:

Observação: Participação nas atividades em sala de aula, debates e apresentações.

Registro de participação: Anotações sobre o interesse, entusiasmo e colaboração dos estudantes.

Portfólio: Coleção dos trabalhos realizados pelos estudantes ao longo da sequência didática.

Avaliação Somativa:

Questionário individual: Avaliação dos conhecimentos adquiridos sobre a Revolta da Vacina.

Produção textual: Elaboração de um texto argumentativo sobre a importância da Revolta da Vacina para a história do Brasil.

Critérios de Avaliação:

Domínio dos conteúdos: Compreensão dos principais conceitos e eventos relacionados à Revolta da Vacina.

Desenvolvimento de habilidades: Argumentação, pesquisa, trabalho em equipe e comunicação.

Criatividade e originalidade: Nas produções textuais.

2. Atividades de Recuperação:

Para estudantes que não atingiram os objetivos propostos:

Aulas de reforço: Revisão dos conteúdos com foco nas dificuldades dos estudantes.

Atividades complementares: Leituras, pesquisas e exercícios sobre temas específicos da Revolta da Vacina.

Tutoria individual: Acompanhamento individualizado de um professor ou tutor.

Instituição: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SUZETE DIAS CORREIA	
Disciplina: História	Turma: 9º A
Discente(estagiária/o): Raylla Raimundo da Silva	
Professor regente: Carlos Ferreira de Araújo Júnior	
Tema: A Revolta da Chibata	
<p>Objetos do conhecimento: O contexto histórico da Revolta da Chibata: A República Velha e suas características políticas e sociais. A Marinha Brasileira no início do século XX: organização, disciplina e castigos corporais. A vida dos marinheiros: condições de trabalho, salários e alimentação. O estopim da revolta: A punição brutal de João Cândido e outros marinheiros. A organização e o levante dos marinheiros em 1910. As principais reivindicações dos revoltosos. O impacto da Revolta da Chibata: O fim dos castigos corporais na Marinha Brasileira. Melhorias nas condições de vida e trabalho dos marinheiros. A importância da Revolta da Chibata na luta por direitos e dignidade.</p>	
<p>Habilidade (s) da BNCC: (EF08HI05) Analisar as relações entre diferentes grupos sociais em diferentes conjunturas históricas, considerando as tensões e conflitos, as negociações e os consensos, e as diferentes formas de sociabilidade e de organização social.</p>	
Duração: 2 aulas (50 minutos cada)	
Materiais necessários para a sequência didática: Quadro, lápis piloto, livro didático.	
<p>Objetivo: Compreender: A Revolta da Chibata: eventos, contexto e consequências. Identificar: Personagens da Revolta da Chibata e diferentes versões do evento. Refletir sobre: A importância da Revolta da Chibata para a história do Brasil, a luta por direitos e contra a desigualdade. Ser capaz de: Pesquisar, analisar, argumentar e se comunicar sobre a Revolta da Chibata.</p>	
Aulas a serem desenvolvidas na sequência didática	
AULA 1	
Organização da turma: em fileira, em duplas.	
<p>Introdução: Iniciar a aula com uma conversa sobre a vida dos marinheiros no início do século XX. Explorar os conhecimentos prévios dos estudantes sobre o tema. Apresentar o tema da sequência didática e os objetivos de aprendizagem. Distribuir textos informativos sobre a Revolta da Chibata e solicitar aos estudantes que leiam com atenção.</p>	
<p>Desenvolvimento: Em duplas, respondam questões sobre a Revolta da Chibata.</p>	

Após responderem as questões, alguns estudantes escolheram apresentaram suas respostas para a turma.
Realizar um debate sobre as diferentes perspectivas sobre a Revolta da Chibata, com base nas respostas dos estudantes.
Conclusão: Propor aos estudantes a produção de um texto individual, respondendo à seguinte questão: Na sua opinião, qual a importância de lembrarmos da Revolta da Chibata? Como esse evento contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária?
Avaliação: Observação da participação dos estudantes nas atividades; Qualidade dos trabalhos em grupo; Participação no debate; Reflexão crítica sobre o tema; Texto escrito sobre o que aprenderam.
Referências utilizadas para preparar a atividade: BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, sociedade & cidadania: 9º ano: ensino fundamental: anos finais. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022. PINHEIRO, Armando Castelar. Marinheiros em Luta e Revolta. Revista Brasileira de História, v. 24, n. 47, p. 15-36, 2004.
Finalização da sequência: Liste os instrumentos que permitirão avaliar a aprendizagem dos estudantes. Planeje atividades de recuperação para aqueles que não atingirem os objetivos propostos.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Instituição: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SUZETE DIAS CORREIA	
Disciplina: História	Turma: 9º A
Discente(estagiária/o): Raylla Raimundo da Silva	
Professor regente: Carlos Ferreira de Araújo Júnior	
Tema: Anarquismo e Socialismo	
Objetos do conhecimento: Compreender os principais conceitos e ideias do Anarquismo e do Socialismo. Analisar as diferenças e semelhanças entre as duas correntes de pensamento. Identificar exemplos de movimentos sociais e políticos que foram influenciados por cada corrente de pensamento. Refletir sobre a importância de estudar diferentes correntes de pensamento político.	

<p>Habilidade (s) da BNCC:</p> <p>EM13CHS01: Analisar e comparar diferentes correntes de pensamento social e político, como o Anarquismo e o Socialismo, considerando seus contextos históricos e suas propostas para a organização da sociedade.</p> <p>EM13CHS02: Identificar e analisar diferentes visões de mundo presentes na sociedade, como as visões de mundo anarquista e socialista, reconhecendo que não existe uma única resposta para os problemas sociais.</p> <p>EM13CHS03: Argumentar com base em diferentes pontos de vista sobre temas sociais e políticos, como o papel do Estado na sociedade, utilizando diferentes linguagens e tecnologias.</p>
<p>Duração: 2 aulas (50 minutos cada)</p>
<p>Materiais necessários para a sequência didática:</p> <p>Quadro branco</p> <p>Canetas coloridas</p> <p>Cópias da música "Utopia" de Zé Vicente</p> <p>Cópias de textos sobre Anarquismo e Socialismo</p> <p>Livro didático</p>
<p>Objetivo:</p> <p>Definir os conceitos de Anarquismo e Socialismo;</p> <p>Comparar as principais características das duas correntes de pensamento;</p> <p>Analisar criticamente as diferentes visões de mundo presentes no Anarquismo e no Socialismo;</p> <p>Argumentar com base em diferentes pontos de vista sobre temas sociais e políticos;</p> <p>Reconhecer a importância de estudar diferentes correntes de pensamento para a formação de uma cidadania crítica e autônoma.</p>
<p>Aulas a serem desenvolvidas na sequência didática</p>
<p style="text-align: center;">AULA 1</p>
<p>Organização da turma: Divididos em grupos de 3 ou 4.</p>
<p>Introdução: Iniciar a aula com uma conversa sobre conhecimento prévio dos estudantes sobre Anarquismo e Socialismo.</p> <p>Explicar que, nesta aula, eles aprenderão mais sobre essas duas correntes de pensamento político.</p> <p>Apresentar o objetivo da aula: comparar e analisar as ideias do Anarquismo e do Socialismo.</p>
<p>Desenvolvimento: Dividir a turma em grupos de 3 ou 4 estudantes.</p> <p>Distribuir para cada grupo uma cópia da música "Utopia" de Zé Vicente e pedir que leiam a letra com atenção.</p> <p>Em seguida, os estudantes devem identificar na letra da música elementos que se relacionam com o Anarquismo e o Socialismo.</p>

Conclusão: Os estudantes devem construir um mapa mental em seus cadernos utilizando diferentes cores para cada corrente de pensamento.

O mapa mental deve conter os principais conceitos, ideias e objetivos do Anarquismo e do Socialismo.

Avaliação:

Participação:

Nas atividades em grupo e nos debates;

Interesse e entusiasmo;

Colaboração e respeito às diferentes opiniões.

Compreensão dos conteúdos:

Elaboração dos mapas mentais;

Qualidade das apresentações;

Participação nos debates;

Referências utilizadas para preparar a atividade:

VICENTE, Zé. Utopia. In: Sol e Sonho. Rio de Janeiro: Som Livre, 1984. 1 CD. Faixa 4.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, sociedade & cidadania: 9º ano: ensino fundamental: anos finais. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022.

Finalização da sequência:

Avaliação Formativa:

Observação: Participação nas atividades em sala de aula, debates e apresentações.

Registro de participação: Anotações sobre o interesse, entusiasmo e colaboração dos estudantes.

Portfólio: Coleção dos trabalhos realizados pelos estudantes ao longo da sequência didática.

Avaliação Somativa:

Questionário individual: Avaliação dos conhecimentos adquiridos sobre o Anarquismo e o Socialismo.

Produção textual: Elaboração de um texto argumentativo sobre as diferenças e similaridades entre o Anarquismo e o Socialismo.

Critérios de Avaliação:

Domínio dos conteúdos: Compreensão dos principais conceitos e teóricos do Anarquismo e do Socialismo.

Desenvolvimento de habilidades: Argumentação, pesquisa, análise de fontes históricas, trabalho em equipe e comunicação.

Criatividade e originalidade: Nas produções textuais.

Atividades de Recuperação:

Para estudantes que não atingiram os objetivos propostos:

Aulas de reforço: Revisão dos conteúdos com foco nas dificuldades dos estudantes.

Atividades complementares: Leituras, pesquisas e exercícios sobre temas específicos do Anarquismo e do Socialismo.

Tutoria individual: Acompanhamento individualizado de um professor ou tutor.